

# COMPATIBILIDADE ENTRE HOLISMO E FUNCIONALISMO SOBRE CATEGORIAS PSICOLÓGICAS ORDINÁRIAS COM UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL\*

COMPATIBILITY OF HOLISM AND FUNCTIONALISM ABOUT ORDINARY PSYCHOLOGICAL  
CATEGORIES WITH A BEHAVIORAL PERSPECTIVE

FILIPE LAZZERI

Universidade De São Paulo

Fundação De Amparo À Pesquisa Do Estado De São Paulo (Fapesp)  
filipelazzeri@gmail.com

RECIBIDO EL 10 DE FEBRERO DE 2014 Y APROBADO EL 25 DE JUNIO DE 2014

## RESUMO ABSTRACT

O holismo (H) e o funcionalismo (F) em filosofia da mente são teses tipicamente formuladas pressupondo-se uma visão em geral questionada por perspectivas comportamentais. Essa visão é aquela segundo a qual as categorias psicológicas ordinárias desempenham suas funções de explicar e prever comportamentos pela referência a causas eficientes dos mesmos localizadas no interior do corpo. Em outras palavras, fenômenos psicológicos ou mentais são concebidos como causas do comportamento, ao invés de constituídos por ele. Neste trabalho, sugere-se que (H) e (F) são, na verdade, independentes dessa pressuposição e, mais do que isso, que são compatíveis com uma perspectiva comportamental.

Holism (H) and functionalism (F) about ordinary psychological categories are typically formulated assuming beforehand a view in general disputed by behavioral perspectives. According to this view, ordinary psychological categories fulfill their roles of explaining and predicting behavior by referring to inner efficient causes of it located inside the body. In other words, psychological or mental phenomena are conceived of as causes of behavior, rather than as being made up of behavior. This work suggests that (H) and (F) are actually independent of such assumption and, furthermore, that they are compatible with a behavioral perspective.

## PALAVRAS CHAVE KEY WORDS

Behaviorismo, categorias psicológicas, funcionalismo, holismo.

Behaviorism, psychological categories, functionalism, holism.

---

\* Este trabalho foi em grande medida desenvolvido como uma parte da pesquisa de mestrado do autor, realizada na Universidade de Brasília, com apoio da Capes.

O holismo (H) e o funcionalismo (F) em filosofia da mente são teses tipicamente formuladas pressupondo-se uma visão em geral disputada por perspectivas comportamentais (ou behavioristas). Segundo essa visão, as categorias psicológicas ordinárias desempenham suas funções de explicar e prever comportamentos pela referência a causas eficientes dos mesmos localizados no interior do corpo. Em uma formulação ôntica, trata-se da visão segundo a qual os fenômenos psicológicos ou mentais são entidades que possuem tais feições, ou seja, são concebidos como causas do comportamento, ao invés de constituídos por ele. Uma incompatibilidade entre (H) e (F) com perspectivas comportamentais é, de fato, por vezes alegada (Cf. Block, Braddon-Mitchell & Jackson).

Neste breve trabalho, sugere-se que (H) e (F) são, na verdade, independentes dessa pressuposição e, mais do que isso, que são teses compatíveis com uma (embora não com qualquer) perspectiva comportamental<sup>1</sup>. A estrutura do trabalho é a seguinte: inicialmente (seção 1), revisa-se as formulações usuais de (H) e (F); em seguida (seção 2), sugere-se que se trata de teses mais abstratas, isto é, independentes da referida pressuposição; na sequência (seção 3), procura-se mostrar como uma perspectiva comportamental é, a princípio, compatível com (H) e (F), quando essas teses são entendidas de modo suficientemente geral; por fim (seção 4), pondera-se, como corolário, alegações daquela suposta incompatibilidade.

(H) e (F) têm, naturalmente, formulações tanto semânticas como ônticas (isto é, tanto em termos de predicados ou predicções como em termos de fenômenos ou entidades), mas se optou, neste trabalho, por manter um foco mais saliente em formulações semânticas. Porém, trata-se apenas de uma estratégia para facilitar a busca por formulações suficientemente abstratas dessas teses. O trabalho assume poder haver, em geral, um intercambiamento entre as formulações semânticas e ônticas delas.

## I

### Formulações usuais de (H) e (F)

Começamos revisando as formulações usuais de (H) e (F). Apresentamos las, aqui, em suas versões irrestritas (isto é, em termos das categorias psicológicas ordinárias em geral) apenas por uma questão de brevidade.

---

<sup>1</sup> Como é sabido, o holismo e o funcionalismo são teses formuladas também a respeito de outras categorias; por exemplo, discute-se uma forma de holismo em filosofia geral da ciência sobre a confirmação de teorias científicas. Neste trabalho, apenas as formulações a respeito de categorias psicológicas ordinárias estão diretamente em questão.

Elas admitem, naturalmente, versões restringidas a algumas das categorias psicológicas ordinárias (e.g., à categoria das atribuições das chamadas atitudes proposicionais, como, sobretudo no caso de (H), é frequente).

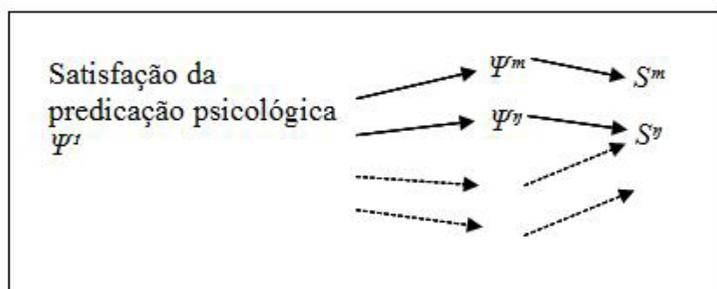
(H) é comumente formulada em termos de a veracidade de uma predicação psicológica ordinária não ser isolada da veracidade de uma série de outras predicções psicológicas ordinárias sobre o mesmo organismo ou (em uma terminologia que nos permite manter neutralidade quanto à constituição física envolvida) sistema. Antes, ela implica a veracidade de uma cadeia de outras, tomadas como sendo referência a uma massa crítica de entidades (estados, processos ou eventos) do interior do corpo responsáveis causalmente pelo comportamento que aquela primeira predicação supõe explicar ou predizer. Em outras palavras, (H) é expressa como a tese de que fenômenos mentais não existem isoladamente, mas apenas em conjunto com uma série de outros exemplificados pelo sistema, tomados como causas internas do comportamento (Figura 1).

Isso implica que uma predicação psicológica ordinária (considerada individualmente) não se deixa reduzir a caracterizações que não incluem um conjunto de outras em menção a outras entidades assim entendidas. Por exemplo, ao dizermos que uma pessoa quer pegar seu guarda-chuva, pressupomos, em casos típicos, que ela acha que há certa chance de que vai chover, acredita que o guarda-chuva a protege, não deseja ficar molhada, espera sair de casa em seguida e assim por diante. Apenas havendo entidades internas correspondentes atuando no controle do comportamento a pessoa exibiria um comportamento associado àquela primeira atribuição (Cf. Chisholm 168ss, Davidson 217, Fodor 69-71, Geach 8-9, Kim 79-80).

Frequentemente a tese (H) é utilizada como premissa em objeção a abordagens de autores tais como Hempel e Ryle, tomadas como abordagens comportamentais. Supostamente, essas abordagens estariam propondo uma redução de predicções psicológicas a não psicológicas, estas últimas sobre fenômenos de algum modo comportamentais. Putnam, por exemplo, objeta Ryle dizendo: "Estados psicológicos são caracterizáveis apenas em termos de suas relações uns com os outros [...], e não como disposições que possam ser 'desempacotadas' sem se retornar aos mesmos predicados psicológicos que estão em questão" ("Robots" 391). A ideia é tipicamente apresentada em termos como os de Heil na seguinte passagem:

[A]quilo que você faz e que está disposto a fazer, evidentemente, depende de seu estado da mente *total*. [...] Qualquer tentativa de dizer qual comportamento segue-se de um dado estado da mente pode ser mostrada como falsa pela invenção de um exemplo no qual o estado da mente está presente, mas, devido à adição de novas crenças ou desejos, o comportamento não se segue. Não adiantará tentar impedir tais casos através de uma cláusula geral: [fixar que] se você acha que há um urso no caminho, acha que ursos são perigosos e deseja evitar animais perigosos, estará disposto a fugir. O problema aqui é que se reintroduz menção a estados da mente na cláusula. (61-2)<sup>2</sup>

Ou seja, segundo essa objeção, perspectivas comportamentais tentariam reduzir predicções psicológicas ordinárias individuais a predicções comportamentais, sem introduzir menção às primeiras, o que é incompatível com o fato de que não se deixam reduzir, uma implicando um conjunto ilimitado de outras. Não adiantaria fixar um conjunto de atribuições psicológicas que se aplicasse em determinado momento, porque, de qualquer forma, estar-se-ia fixando a menção a entidades internas responsáveis pelo comportamento, as quais, segundo a objeção, o behaviorista pretendia não mencionar.



**Figura 1.** Formulação usual do holismo.

Nesta formulação, a satisfação de uma predicação psicológica ordinária  $\Psi^1$  implica a satisfação de uma série de outras,  $\Psi^m, \dots, \Psi^n, \dots$ , por entidades internas  $S^m, \dots, S^n, \dots$ , próprias do interior do corpo e causas dos comportamentos associados a  $\Psi^1$ .

Por sua vez, a formulação usual de (F) é de que as predicções psicológicas ordinárias designam entidades internas que realizam

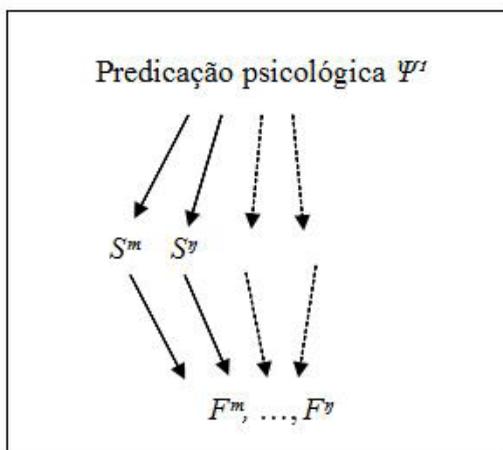
<sup>2</sup> Itálico do autor.

funções de causar comportamentos e interagir causalmente com outros fenômenos mentais, dadas certas causas externas. (Para versões de (F) consideradas pioneiras, Cf. Fodor 107ss, Lewis, Putnam “The mental life”, também, Cf. Churchland 36, Kim 77-8, Hornsby 33, Lycan 317, Maslin 121ss, Moya 76, Shoemaker). Conforme Braddon-Mitchell e Jackson:

[U]ma teoria funcionalista da mente especifica estados mentais em termos de três tipos de cláusulas: cláusulas de entrada [*input*], que dizem quais condições tipicamente originam quais estados mentais; cláusulas de saída [*output*], que dizem quais estados mentais tipicamente originam quais respostas comportamentais; e cláusulas de interação, que dizem como os estados mentais tipicamente interagem entre si. (47)

Diferentes versões do funcionalismo teriam esse núcleo comum, diferindo apenas em pormenores. Por exemplo, divergiriam sobre se uma abordagem funcionalista seria mais adequada em termos de uma identidade de tipos (*type-type identities*) restringida ou em termos de uma identidade de particulares (*token-token identities*) (correlatamente, sobre se os tipos mentais seriam propriedades de segunda ordem ou, antes, bases categóricas) e se as entradas e saídas são proximais ou distais.

No contexto da filosofia contemporânea da mente, (F) surge como uma tese motivada para acomodar a múltipla exemplificabilidade (ou realizabilidade) (*multiple realizability*) do mental e, simultaneamente, para superar os supostos obstáculos intransponíveis colocados a perspectivas comportamentais por (H). A múltipla exemplificabilidade do mental requer que predicções psicológicas ordinárias sejam caracterizadas em uma linguagem fisicamente neutra, já o que o suporte físico envolvido em um sistema que as satisfaça se revela, em maior ou menor medida, contingente. Então, é natural associar ao desempenho dessas predicções à ideia de que elas se referem a funções realizadas pelo sistema. As funções relevantes, por sua vez, foram concebidas como aquelas de causar comportamentos e interagir causalmente com outros fenômenos da economia interna do sistema. Desse modo, entende-se causalmente os ‘porquês’ que precedem essas predicções (em silogismos práticos e raciocínios similares) e abriga-se o traço holista delas (Figura 2).



**Figura 2.** Formulação usual do funcionalismo.

Segundo esta formulação,  $\Psi^t$  pode ser satisfeita por entidades internas,  $S^m, \dots, S^y, \dots$ , em razão de terem uma ou mais funções relevantes  $F^m, \dots, F^y$ , de causar comportamentos e outras daquelas entidades.

Em suma, evidencia-se que (H) e (F) são frequentemente formuladas pressupondo-se que as predicações psicológicas ordinárias explicam e predizem comportamentos pela referência a causas deles localizadas no interior do corpo (doravante, abreviamos essa visão subjacente por '(I)'). Em outras palavras, trata-se de teses frequentemente colocadas em termos de fenômenos mentais entendidos como sendo causas eficientes do comportamento localizadas no interior do corpo, e não como fenômenos comportamentais.

## II

### Neutralidade de (H) e (F) com relação a (I)

Não serão, antes, (H) e (F) teses neutras com relação a (I)? A nosso ver, as intuições básicas subjacentes a elas independem de (I). Esta seção explora formulações alternativas delas, as quais, embora sejam neutras com relação a (I), preservam as estruturas das formulações usuais. O objetivo, aqui, *não* é sugerir que essas formulações alternativas sejam a melhor maneira de representar (H) e (F) (ainda que, *ipso facto*, as consideremos mais adequadas), antes se tratando apenas de aproximações com vistas a tornar transparente a neutralidade dessas teses.

A intuição básica subjacente a (H), a nosso ver, é de que a veracidade de certa predicação psicológica ordinária acarreta a veracidade de uma cadeia de outras, de tal modo que aquela não se deixe caracterizar sem que outras sejam introduzidas. Ao dizermos que alguém satisfaz a predicação, assumimos, implicitamente, que satisfaz também uma massa crítica de outras, mantendo ampla coerência com aquela. Em outros termos, (H), em um nível abstrato, é a tese de que fenômenos mentais não existem isoladamente em um sistema, mas apenas em conjunto com uma série de outros (Figura 3).

Neste caso, entender essa massa crítica em termos de (I) é apenas um modo possível de dar conteúdo a (H), e não algo inerente a (H). Se, por exemplo, algum animal ama seus filhotes, então ele provavelmente gosta de alimentá-los, não tem o interesse de que sejam alvos de predadores, em uma circunstância em que ache que eles estejam em perigo fará o possível para ajudá-los, etc. Frequentemente se presume que, ao assumirmos esses outros atributos quando inferimos o primeiro, estamos assumindo atributos mentais entendidos como coisas que se passam no interior do animal e que determinam os comportamentos associados ao amor pelos filhotes. Porém, está longe de ser claro que isso seja realmente o caso, tanto é que há perspectivas que colocam em cheque essa visão. De toda forma, não se pode descartar de antemão que haja uma maneira de modelar (H) sem esse pressuposto, sob pena de cometer-se petição de princípio quanto a perspectivas comportamentais.

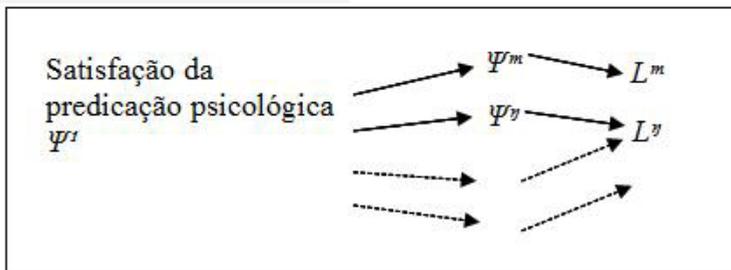


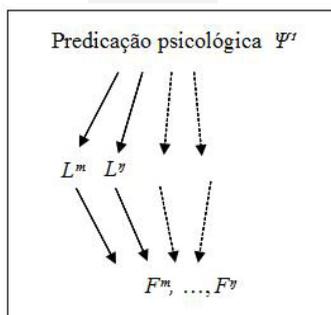
Figura 3. Holismo neutro.

A satisfação de uma predicação psicológica ordinária  $\Psi^i$  implica a satisfação de uma série de outras,  $\Psi^m, \dots, \Psi^j, \dots$ , por entidades  $L^m, \dots, L^j, \dots$  de nível inferior do organismo ou sistema.

Por seu turno, (F) tem como intuição básica subjacente a de que as predicações em questão designam entidades funcionais; ou seja,

de acordo com (F), os fatores relevantes para a veracidade dessas predicções são a posse ou exibição de funções por certas entidades de nível inferior do sistema (enquanto tese geral, em um sentido não especificado do conceito de *função*) (Figura 4). Por exemplo, querer ir até o próprio lar após um passeio (um caso de atitude proposicional), ficar com medo de algo diante de uma situação de perigo (um caso de emoção), ouvir o som de um animal pisando na relva (um caso de processo perceptual) etc., são entendidos, então, como atributos cuja natureza é possuir certas funções.

Determinar quais tipos de entidades são os exemplificadores relevantes das funções é uma questão à parte. As abordagens funcionalistas tradicionais (como o chamado funcionalismo de máquina de Turing desenvolvido por Putnam e o funcionalismo reduutivo de Lewis e Armstrong) assumem que essas funções são sinônimas de papéis causais e que estes são papéis de causar comportamentos (dentre outras coisas), sendo que a causação é entendida ser executada por entidades de um nível não comportamental localizadas no interior do corpo. Porém, a tese, em um sentido abstrato, independe dessa interpretação das funções. Pode-se pensar que outros tipos de entidades que exemplificam funções não são de pertinência para o âmbito das categorias psicológicas ordinárias, mas pelos menos os comportamentos (ou atividades) do organismo —os quais são entidades que podem ser entendidas como tendo uma natureza funcional—, naturalmente, o são (como, e.g., praticamente qualquer estudo empírico em psicologia transparece). Não se pode descartar de antemão a possibilidade de que os comportamentos do organismo constituam o nível próprio da vida mental, como as perspectivas comportamentais sugerem (e.g., Dutra, Rachlin, Ryle, Zilio); ou que o constituam parcialmente, como algumas abordagens recentes não inteiramente comportamentais têm sugerido (e.g., Hurley, Rowlands).



**Figura 4.** Tese funcionalista neutra.

$\Psi^n$  pode ser satisfeita por entidades  $L^m, \dots, L^n, \dots$  de nível inferior de um sistema, que tenham uma ou mais funções relevantes  $F^m, \dots, F^n$ .

Portanto, ao se fazer depender as teses em pauta de (I), restringe-se a generalidade delas. Por mais que elas possam, eventualmente, revelar-se mais plausíveis quando entendidas em termos de (I), não pressupõem tal visão em um nível abstrato.

### III

#### Compatibilidade de (H) e (F) com uma perspectiva comportamental

Por uma *perspectiva comportamental* sobre categorias psicológicas ordinárias, entendemos, em geral, uma perspectiva segundo a qual os ou pelo menos parte dos fatores fundamentais para a veracidade delas são do nível comportamental. Já por *fenômenos do nível comportamental*, entendemos aqueles cuja natureza é comportamental (por oposição, e.g., a uma natureza puramente fisiológica, ainda que, em alguns casos de fenômenos comportamentais, a fronteira entre fisiológico e comportamental seja tênue), tais como comportamentos (ou respostas) particulares, relações entre comportamentos particulares e mudanças no ambiente (ou estímulos), bem como padrões de comportamento (isto é, conjuntos de comportamentos particulares em suas relações com o ambiente). Essas noções, por sua vez, podem ser, a princípio, tomadas como noções primitivas, ou conforme modeladas em ciências tais como a análise do comportamento e a etologia. Em outras palavras, trata-se de uma concepção de atributos mentais como atributos que se identificam com ou pelo menos envolvem de modo fundamental fenômenos desse caráter (se identificação, pode ser de particulares mentais com particulares comportamentais ou de tipos mentais com tipos comportamentais). Contrasta com a visão (I), na medida em que, segundo (I), os fenômenos mentais não são fenômenos comportamentais, mas, antes, causas deles (ou de pelo menos de parte deles) localizadas no interior do corpo.

Para efeito do intuito desta seção, consideraremos um caso particular de perspectiva comportamental em linhas gerais. No entanto, não é nosso objetivo, neste trabalho, sustentar essa abordagem particular e, portanto, responder a objeções possíveis a ela (o que fazemos em outros trabalhos). Nosso intuito, aqui, é apenas sugerir que ela é um contraexemplo a alegações de incompatibilidade entre (H) e (F) com perspectivas comportamentais.

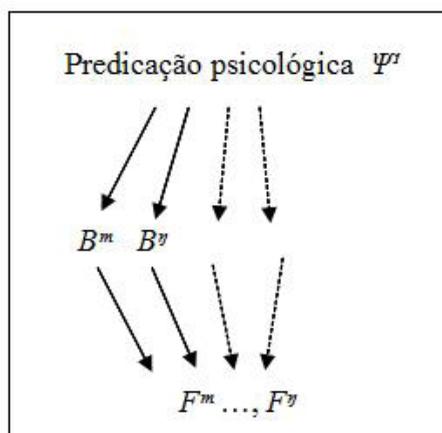
A abordagem comportamental que aqui temos em vista concorda com o funcionalismo em que pelo menos boa parte das categorias psicológicas ordinárias explica e prediz comportamentos pela referência a entidades que se definem por suas funções. Porém, diferentemente do funcionalismo usual, que se compromete com (I), as entidades relevantes são concebidas pela abordagem como sendo, antes, do nível comportamental. A abordagem, segundo Ryle, caracteriza aquelas categorias que possuem um caráter disposicional (como, e.g., arguivelmente, as relativas a atitudes proposicionais, emoções e traços de caráter) em termos de relações (que podemos delimitar em termos de uma análise funcional, como se faz em análise do comportamento) entre aspectos do ambiente e comportamentos, o que Rachlin expressa em termos de padrões molares de comportamento. Esses padrões podem, a princípio, serem formados por diferentes formas de comportamentos, como os reflexos (sejam incondicionados ou condicionados), os chamados padrões fixos de ação e os operantes (acerca dessas noções técnicas, Cf., e.g., Mazur). Considerar essas categorias já é o bastante para os presentes propósitos; mas mencionamos ainda que a abordagem pode acomodar também aquelas categorias que Ryle aponta possuírem um caráter episódico ou semiepisódico (como, e.g., as relativas a sensações e aos processos perceptuais), modelando-as em termos de relações efetivas (por oposição a relações distribuídas no tempo) entre aspectos do ambiente e comportamentos (Figura 5).

Assume-se, aqui, não haver necessidade de comprometer a abordagem com uma teoria particular das funções, para a finalidade deste trabalho, ainda que, a nosso ver, ela possa ser enriquecida com a teoria etiológica delas (como desenvolvida por autores tais como Millikan e Wright)<sup>3</sup>. A nosso ver, é suficientemente claro que padrões de comportamento e seus exemplares são entidades que, em geral, possuem funções, relacionadas à lida com o ambiente no qual o sistema se insere; em um nível geral, funções como as de evitar certas coisas e favorecer outras. Por exemplo, é suficientemente claro que um comportamento de fuga de um animal com relação a um predador tem uma função de sobrevivência; que um reflexo condicionado como o de aumento do batimento cardíaco eliciado pelo som de relva sendo pisada, em um animal no campo, é uma resposta que tem uma função de preparação do animal para a

---

<sup>3</sup> Nesse último caso, tem-se uma versão comportamental do assim chamado teleofuncionalismo. Sobre este, Cf. Millikan. 'Sobre a versão comportamental de teleofuncionalismo aqui indicada, Cf. Lazzeri "Observações 1", "Observações 2" e "Referir-se-ão".

fuga<sup>4</sup>; que o comportamento de um macaco pressionar uma alavanca (em determinada taxa e intervalo de tempo), ao qual está associado à obtenção de uma banana como recompensa, tem como uma função justamente a de obter o alimento; etc. De acordo com essa perspectiva, então, um comportamento como aquele reflexo condicionado, em conjunção com um conjunto de outros comportamentos ao longo do tempo, como o de fuga em situações similares, compõem um padrão molar de comportamento, o qual corresponde ao fenômeno relevante para a veracidade de predicações como, por exemplo, a de que o referido animal está com medo de ser atacado.



**Figura 5.** Uma perspectiva comportamental e funcionalista.

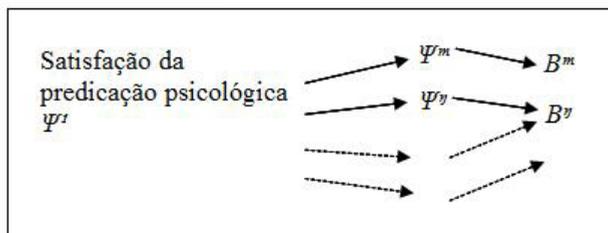
$\Psi^i$  (pelo menos de algumas categorias) pode ser satisfeita por fenômenos comportamentais  $B^m, \dots, B^n, \dots$ , que possuem uma ou mais funções relevantes  $F^m, \dots, F^n$ .

Além disso, a perspectiva pode não se propor a reduções de predicações psicológicas ordinárias e, ao mesmo tempo, manter que elas estão fundamentalmente ancoradas em regularidades comportamentais.

<sup>4</sup> Note-se que considerar que entidades internas ao corpo participam da constituição de um comportamento, como ocorre nesse caso, não implica em (I), posto que elas são modeladas como entidades comportamentais. Fenômenos endócrinos e fisiológicos de modo mais gerais, quando obedecem aos mesmos princípios ou leis de comportamentos manifestos exteriormente, são, nessa medida, fenômenos (parcialmente) comportamentais. Como dissemos anteriormente, a fronteira entre o fisiológico e o comportamental é, em alguns casos, bastante tênue. Muitos dos comportamentos reflexos servem como exemplos típicos desses casos (Cf. Catania, Mazur e Skinner).

A não redutibilidade dessas predicções pode ser entendida à luz do chamado interpretativismo de Dennett, ou seja, considerando-as como instrumentos para a captura das regularidades relevantes. Desse modo, as predicções psicológicas ordinárias são vistas serem verdadeiras não isoladamente, mas apenas em massa, e sugere-se que isso é razão de relações comportamentais relevantes serem exemplificadas ao longo do tempo (Figura 6).

Tomemos, por exemplo, o caso de uma pessoa cujo comportamento de pegar seu guarda-chuva é explicado dizendo-se que ela acha que vai chover. Há, nesse caso, uma inferência subjacente de que ela não quer se molhar, de que ela pretende passar por algum lugar a céu aberto, etc. A utilização do guarda-chuva diante de situações de chuva, no passado, é algo que deve ter modelado esse comportamento, o contexto presente, de tempo nublado, tendo-se (por meio de mecanismos de aprendizagem operante) tornado ocasião para o comportamento de prevenir-se com um guarda-chuva. A pessoa não quer se molhar, o que é algo que, igualmente, podemos saber pela consideração de relações entre seus comportamentos e certos contextos; por exemplo, a pessoa tem de trabalhar, mas estar com roupas molhadas, em contextos como o do trabalho, foi algo punido no passado com gripe e reprimendas. Podemos, em princípio, ir adiante indefinidamente a cadeias de predicções psicológicas ordinárias na explicação daquele comportamento. Porém, isso pode ser entendido como ir adiante à remissão à história interativa da pessoa e de aspectos do ambiente presente, subscrevendo seus comportamentos aos padrões nos quais se eles se encaixam, até que o comportamento nos seja suficientemente inteligível<sup>5</sup>.



**Figura 6.** Compatibilidade entre holismo e uma perspectiva comportamental.

<sup>5</sup> Diferentemente de Dennett, entretanto, que ainda abraça uma forma de (I), a abordagem, sendo comportamental, dispensa dessa visão. Motivações de Dennett para (I), conforme sugerimos alhures, são problemáticas. (Cf. Lazzeri "Um balanço").

A satisfação de uma predicação psicológica ordinária  $\Psi^n$  (pelo menos de algumas categorias) implica a satisfação de uma série de outras,  $\Psi^m, \dots, \Psi^y, \dots$ , por fenômenos comportamentais  $B^m, \dots, B^y, \dots$ , ao longo do tempo.

Portanto, tem-se uma perspectiva comportamental e que é compatível com (H) e com (F). Poder-se-ia acusar esse contraexemplo de ser meramente relevante de um ponto de vista formal. No entanto, a acusação não procederia, porque há abordagens que se assemelham consideravelmente àquela aqui apresentada em linhas gerais; por exemplo, a que encontramos em Dennett (embora, argüivelmente, a de Dennett não seja propriamente comportamental), a de Rachlin, a de Dutra e aquela que desenvolvemos e apoiamos alhures. Porém, reconhecemos (e isso é algo que vale a pena ser salientado), o contraexemplo corresponde a uma abordagem simplificada, que requer complementações; em especial, de maneira a modelar especificidades maiores das diferentes categorias em pauta.

### Considerações finais

Segue-se que a objeção que se faz contra perspectivas comportamentais a partir da constatação da característica holista de categorias psicológicas ordinárias é falha, pelo menos se considerarmos um subconjunto dessas perspectivas. Trata-se de uma objeção que comete petição de princípio (pois assumem de antemão algo que é questionado por essas perspectivas) e pressupõe que elas busquem certas reduções extensionalistas, o que não necessariamente ocorre (Cf. Lazzeri & Oliveira-Castro). A objeção coloca dificuldades apenas a abordagens comportamentais que buscam tais reduções, como a de Hempel.

Por fim, segue-se que o contraste que é por vezes feito entre funcionalismo e behaviorismo é algo que também merece ponderação. Por exemplo, Block diz que "O funcionalismo, em todas as suas formas, difere do behaviorismo em dois aspectos maiores" (175), o primeiro dos quais que "[E]nquanto os behavioristas definiram os estados mentais em termos de estímulos e respostas, não pensaram os estados mentais mesmos como causas das respostas e como efeitos dos estímulos" (175). O segundo aspecto apontado por Block é de que o funcionalismo incluiria, além disso, causalidade entre os ditos estados mentais (Block 175-76, também, Cf. Kim 77-8, Braddon-Mitchell & Jackson 46-8). O contraste, então, é feito baseando-se no pressuposto de que o funcionalismo depende de (I), pressuposto este que é questionado no presente trabalho. Portanto,

se estivermos corretos, funcionalismo e behaviorismo são, na verdade, perspectivas não necessariamente opostas, antes podendo, em algumas de suas versões, ser complementares.

#### REFERÊNCIAS

Armstrong, David Malet. *A materialist theory of the mind*. London: Routledge, 1968. Print.

Block, Ned. "What is functionalism?" Block, Ned (ed.). *Readings in philosophy of psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. Print.

Braddon-Mitchell, David and Frank Jackson. *Philosophy of mind and cognition: An introduction*. Oxford: Blackwell, 2007. Print.

Catania, Charles A. *Learning*. New Jersey: Prentice Hall, 1998. Print.

Chisholm, Roderick. *Perceiving: A philosophical study*. Ithaca: Cornell University Press, 1957. Print.

Churchland, Paul. *Matter and consciousness: A contemporary introduction to the philosophy of mind*. Cambridge: MIT Press, 1988. Print.

Davidson, Donald. *Essays on actions and events*. Oxford: Oxford University Press, 1980. Print.

Dennett, Daniel. *The intentional stance*. Cambridge: MIT Press, 1987. Print.

Dutra, Luiz Henrique de A. "Comportamento intencional e contextos sociais: Uma abordagem nomológica". *Abstracta*. 2006: 102-128. Impresso.

Fodor, Jerry A. *Psychological explanation: An introduction to the philosophy of psychology*. New York: Random House, 1968. Print.

Geach, Peter. *Mental acts: Their content and their objects*. London: Routledge, 1957. Print.

Heil, John. *Philosophy of mind: A contemporary introduction*. London: Routledge, 2004. Print.

Hempel, Carl. "The logical analysis of psychology". Block, Ned (ed.). *Readings in philosophy of psychology*. Cambridge: Harvard University Press, 1980. Print.

Hornsby, Jennifer. "Physicalist thinking and conceptions of behaviour". Bermudez, Luis (ed.). *Philosophy of psychology: Contemporary readings*. New York: Routledge, 2006. Print.

Hurley, Susan L. *Consciousness in action*. Cambridge: Harvard University Press, 1998. Print.

Kim, Jaegwon. *Philosophy of mind*. Boulder: Westview Press, 1996. Print.

Lazzeri, Filipe. "Um balanço de parte da teoria dos sistemas intencionais de Dennett". *Psicologia: Teoria & Pesquisa*. 2012: 245-253. Impresso.

---. "Observações sobre o behaviorismo teleológico: Parte 1". *Acta Comportamentalia*. 2013: 241-258. Eletrônico.

---. "Observações sobre o behaviorismo teleológico: Parte 2". *Acta Comportamentalia*. 2013: 391-408. Eletrônico.

---. "Referir-se-ão as categorias psicológicas ordinárias a causas internas do comportamento?". *Philosophos*. 2013: 41-73. Eletrônico.

Lazzeri, Filipe and Jorge Olivera-Castro. "Um exame de objeções a Ryle sobre o funcionamento dos termos psicológicos intencionais". *Abstracta*. 2010: 42-64. Eletrônico.

Lewis, David. "Psychophysical and theoretical identifications". *Australasian Journal of Philosophy*. Dec. 1972: 249-258. Print.

Lycan, William. "Functionalism (1)". Guttenplan, Samuel (ed.). *A companion to the philosophy of mind*. Oxford: Blackwell, 1994. Print.

Maslin, Keith. *An introduction to the philosophy of mind*. Cambridge: Polity Press, 2007. Print.

Mazur, James. *Learning and behavior*. New Jersey: Prentice Hall, 2006. Print.

Millikan, Ruth. *Language, thought, and other biological categories: New foundations for realism*. Cambridge: MIT Press, 1984. Print.

Moya, Carlos. *The philosophy of action: An introduction*. Cambridge: Polity Press, 1993. Print.

Putnam, Hilary. "Robots: Machines or artificially created life?" *Mind, language, and reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. Print.

---. "The mental life of some machines". *Mind, language, and reality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975. Print.

Rachlin, Howard. *Behavior and mind: The roots of modern psychology*. New York: Oxford University Press, 1994. Print.

Rowlands, Mark. *Externalism: Putting mind and world back together again*.

Filipe Lazzeri

Montreal: McGill Queen's University Press, 2003. Print.

Ryle, Gilbert. *The concept of mind*. London: Hutchinson, 1949. Print.

Shoemaker, Sydney. "Functionalism and qualia". *Philosophical Studies*. May. 1975: 291-315. Print.

Skinner, Burrhus F. *Science and human behavior*. New York: Macmillan, 1953. Print.

Wright, Larry. *Teleological explanations: An etiological analysis of goals and functions*. Berkeley: University of California Press, 1976. Print.

Zilio, Diego. *A natureza comportamental da mente*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Impresso.

**Como citar:**

Lazzeri, Filipe. "Compatibilidade entre holismo e funcionalismo sobre categorias psicológicas ordinárias com uma perspectiva comportamental". *Discusiones Filosóficas*. Ene.-jun. 2014: 99-114.